

## A CONTRIBUIÇÃO DO *GOOGLE DRIVE* COMO FERRAMENTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Carlos Vicente da Silva Júnior<sup>1</sup>

Deisiane Barbosa da Silva<sup>2</sup>

Lívia Suellen Oliveira Amaral<sup>3</sup>

Andréa Francisca da Luz<sup>4</sup>

**Resumo:** Na educação, os artefatos digitais estão sendo cada vez mais integrados ao ensino e os professores precisam estar atualizados às tecnologias, afim de que se consiga criar relações horizontais e construtivas com os estudantes. Mediante isso, serão utilizados para esta pesquisa autores que têm conhecimentos sobre ambientes digitais, além de se entrelaçarem à educação. Por objetivo, pretendemos analisar o *Google Drive* como auxílio ao ensino de Língua Inglesa, além de propormos uma discussão através dos livros “Comunicação Ubíqua: repercussões na cultura e na educação” (SANTAELLA, 2013), “Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica” (MORAN, 2000), “Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e demais autores. Os resultados apontam para um sistema de transição, no qual professores ainda enfrentam dificuldades no uso das tecnologias em sala de aula e na aplicação dos conteúdos, e, em relação à plataforma *Google Drive*, demonstra-se muito eficaz ao uso no idioma, já que suas inúmeras ferramentas podem ser utilizadas em prol de uma educação dinâmica e ativa. Nessa perspectiva, se o aluno estiver integrado ao meio tecnológico, podemos sim contribuir numa aprendizagem significativa, assim como podemos realizar tal processo de forma assertiva.

**Palavras-chave:** TDIC`s; *Google Drive*; Língua Inglesa.

### 1. Introdução

Dentro do ambiente e das relações educacionais, o espaço tecnológico oferece muitas possibilidades ao ser integrado como auxílio didático-pedagógico. Entretanto, no início, os artefatos digitais não foram criados com propósitos para a educação, mas as demandas diante do ensino, assim como suas diretrizes, a exemplo da fomentação de Moran (2000), demonstraram que as formas de ensino antigas não se justificam aos tempos atuais, e, portanto,

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Letras-Português/Inglês, das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – (FAINTVISA), E-mail: carlosvicente.2000@outlook.com

<sup>2</sup> Estudante do Curso de Letras-Português/Inglês, das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – (FAINTVISA), E-mail: rafela12345@outlook.com

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Letras-Português/Inglês, das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – (FAINTVISA) L, E-mail: liviaamaral639@gmail.com

<sup>4</sup> Docente do Curso de Letras-Português/Inglês, das Faculdades Integradas da Vitória de Santo Antão – (FAINTVISA), E-mail: letradeforma@hotmail.com

há necessidade de mudanças em relação aos estudantes e às práticas do educador, uma vez que fazem parte de métodos dinâmicos e ativos.

Nesse sentido, os “nativos digitais”, conhecidos os que nascem na atualidade, e que, por meio deles plataformas antes restritas a usos técnicos conseguem, pela mediação do professor, ser ponto de alicerce para a construção do conhecimento em Língua Inglesa, já que como afirma Moran (2000, p. 8) “sem dúvidas, as tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e de tempo, estabelecendo novas pontes entre o estar juntos fisicamente e virtualmente”. Além do que foi dito, é preciso entender, também, que a tecnologia existe como um apoio e não como parte essencial à prática educativa, como expõe Moran (2000, p. 12):

Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de fundo. Ensinar e aprender são os desafios maiores que enfrentamos em todas as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento.

Diante do exposto, precisamos ressaltar que os estudantes fazem parte de uma cultura jovem e descentralizada, isto é, possuem ideologias únicas. Dessa forma, a plataforma *Google Drive* demonstra-se fiel aos seus usuários, com toda interatividade, e, principalmente, ao falarmos em educação, pois é impossível compartilharmos os conhecimentos de uma forma centralizada, na qual não respeite a autonomia do aluno e seu contexto, como explica a (BNCC, 2017, p. 237):

“[...] o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos.

Baseando-se nas proposições de Moran (2000, p. 29) quando assegura que “ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço-temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação”, as novas metodologias de ensino precisam ser construídas com a flexibilidade e proficiência do estudante do século XXI, no qual tanto os meios físicos quanto os digitais se façam intrínsecos em cada vivência, assim como nos processos de ensino-aprendizagem.

Posto isso, integrar ao ensino ferramentas digitais como o *Google Drive* não é uma opção descartável, mas essencial num mundo tão globalizado e informacional como o que estamos inseridos e ainda de acordo com Moran (2000, p. 29) “a aquisição da informação, dos

dados, dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

## 2. Conceito atribuído às TDIC's

No mundo globalizado e informacional que estamos inseridos, as novas Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação (TDIC's), têm contribuído para transformações nos aspectos pedagógicos e também facilitado a prática do educador em sala de aula. Além disso, dentro do ambiente escolar, as aulas conseguem se tornar mais participativas, porque como relata Moran (2000) o campo da educação está muito pressionado por mudanças, da mesma forma que acontece com as demais estruturas. Nessa perspectiva, é fundamental que o ensino de Língua Inglesa seja alicerçado em um pódio que envolva o social do estudante e dê a aprendizagem uma visão humanizada, como preveem os PCNs (1998, p. 15):

Para que isso seja possível, é fundamental que o ensino Língua Estrangeira seja balizado pela função social desse conhecimento na sociedade brasileira. Tal função está, principalmente, relacionada ao uso que se faz de Língua Estrangeira via leitura, embora se possa também considerar outras habilidades comunicativas [...].

Tendo dito essa afirmação, as TDIC's nos fazem ter certeza que é necessário estarmos aptos às mudanças e elas precisam partir, é claro, diante de nossa própria formação enquanto professores, uma vez que, na maioria dos casos, ainda existe uma enorme escassez em relação às formações continuadas e de acordo com Moran (2000, p. 15) “nosso desafio maior é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, que integre todas as dimensões do ser humano”. Sendo assim, cada modalidade tecnológica deverá ser integrada através de um ambiente adequado, sendo preciso reconsiderar novos conceitos e possibilidades mediante o fenômeno que é a tecnologia em nossas vidas, como fomenta Santaella (2013, p. 133):

“[...] De fato, os ambientes criados no ciberespaço desde o início da internet, agora incrementados pelas tecnologias móveis, nos forçam a reconsiderar o espaço, a legibilidade do espaço, o modo como as pessoas reencontram o espaço cotidiano, pois, quando o movimento da cidade e a mobilidade humana – ambos tecnicamente mediados – se cruzam, múltiplas espacialidades podem ser interseccionais.

Em síntese, as TDIC's são as principais ferramentas quando falamos em educação atualmente, até porque torna-se inviável compartilharmos conhecimentos de forma antiga, mediante um público jovem imerso às tecnologias, e, ainda mais, oriundos de toda uma geração

marcada pela conectividade, na qual impacta nos processos de ensino-aprendizagem, como fundamenta Moran (2000, p. 21), ao assegurar que “teremos maior repercussão se começarmos pela multimídia, passarmos para a hipertextual e, em estágios mais avançados, concentrarmos na lógico-sequencial”. No mais, partindo do pressuposto que as TDIC`s são fundamentais para um ensino ativo, prazeroso e lúdico, podemos defini-las, de acordo com (ALMEIDA e SILVA, 2011, p.4):

Entendemos que as TDIC na educação contribuem para a mudança das práticas educativas com a criação de uma nova ambiência em sala de aula e na escola que repercute em todas as instâncias e relações envolvidas nesse processo, entre as quais as mudanças na gestão de tempos e espaços, nas relações entre ensino e aprendizagem, nos materiais de apoio pedagógico, na organização e representação das informações por meio de múltiplas linguagens.

Ainda de acordo com as TDIC`s, elas contribuem bastante nos processos de ensino-aprendizagem da atualidade, que são maleáveis e pautados no estudante enquanto um sujeito único e autônomo mediante seus saberes, mas que aprende sempre com a mediação do professor, que passa a ser um facilitador do conhecimento, e, portanto, conforme deixa claro Moran (2000, p. 30) quando diz que é preciso “ajudar o aluno a acreditar em si, a sentir-se seguro, a valorizar-se como pessoa, a aceitar-se plenamente em todas as dimensões da sua vida.”

### 3. Conceito atribuído à plataforma *Google Drive*

No que se refere ao *Google Drive*, a plataforma foi criada com o propósito de unir capacidades síncrona e assíncrona, nas quais são capazes de acessar dados por meio de extensões instaladas diretamente do *Google*. Entre suas ferramentas, arquivos colaborativos, *chats* e compartilhamento de informações proporcionam ao usuário a simultaneidade na comunicação digital, assim como mune o professor de instrumentos eficazes quando atrelados ao ensino, de acordo com Moran (2000, p. 21):

Em síntese, cada vez mais são difundidas as formas de informação multimídia ou hipertextual e menos lógica-sequencial. As crianças e os jovens estão totalmente sintonizados com a multimídia e quando lidam com texto fazem-no mais facilmente com o texto conectado através de links, de palavras-chave, o hipertexto. Por isso o livro se torna uma opção menos atraente; está competindo com outras mais próximas da sensibilidade deles, das suas formas mais imediatas de comunicação.

De acordo com essa reflexão, é possível entendermos que a ferramenta *Google Drive* não se trata apenas de uma simples extensão do *Google*, mas é, antes de tudo, uma excelente forma

de conhecermos os anseios dos estudantes em meio a tanta diversidade tecnológica, até porque é inviável conseguirmos ter um ensino substancial nos aprisionando ao passado, e, assim, retardando os avanços para o futuro. Por consequência, sua usabilidade não se resume a isso, já que a plataforma possibilita a junção de laços de interação, além de facilitar o compartilhamento de informações de uma só vez, objetivo importante segundo Moran (2000, p. 23) ao dizer que:

Aprendemos quando descobrimos novas dimensões de significação que antes se nos escapavam, quando vamos ampliando o círculo de compreensão do que nos rodeia, quando, como numa cebola, vamos descascando novas camadas que antes permaneciam ocultas à nossa percepção, o que nos faz perceber de uma outra forma. Aprendemos mais quando estabelecemos pontes entre a reflexão e a ação, entre a experiência e a conceituação, entre a teoria e a prática; quando ambas se alimentam mutuamente.

Diante disso, para que ferramentas como o *Google Drive* sejam aplicadas com sucesso às práticas educativas em Língua Inglesa, é primordial que possamos nos flexibilizar às novas tecnologias, respeitar os diferentes processos de aprendizagem, e, sobretudo, a cultura pertencente de cada estudante, conforme elenca Moran (2000, p. 29) ao dizer que conseguiremos ter resultados expressivos se “[...] aprendermos a equilibrar planejamento e criatividade, organização e adaptação a cada situação, a aceitar os imprevistos, a gerenciar o que podemos prever e a incorporar o novo, o inesperado”.

#### **4. *Google Drive* e adaptações pedagógicas nas aulas de Língua Inglesa**

Em épocas passadas, os estudantes eram instruídos em linha de montagem, com o propósito de tornar eficiente o modelo tradicionalista no ensino. Porém, os retrocessos eram perceptíveis e a era da informação, antes desconhecida, hoje tornou-se possível em muitas áreas, mas ainda encontra lacunas visíveis, assim como demonstra Moran (2000, p. 16) quando diz que “as mudanças demorarão mais do que alguns pensam, porque nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social”. Assim sendo, é preciso, antes, trilharmos caminhos para uma aprendizagem significativa, que integre o aluno aos artefatos digitais, já que não podemos retardar o futuro e seus avanços, mas para isso, antes, que reconheçamos nossas falhas enquanto mediadores dos saberes, conforme menciona Moran (2000, p. 27):

Um dos eixos das mudanças na educação passa pela sua transformação em um processo de comunicação autêntica e aberta entre professores e alunos, principalmente, incluindo também administradores, funcionários e a comunidade, notadamente os pais. Só vale a pena ser educador dentro de um contexto comunicacional participativo, interativo, vivencial. Só aprendemos

profundamente dentro desse contexto. Não vale a pena ensinar dentro de estruturas autoritárias e ensinar de forma autoritária. Pode até ser mais eficiente a curto prazo - os alunos aprendem rapidamente determinados conteúdos programáticos, mas não aprendem a ser pessoas, a ser cidadãos.

Diante desse pressuposto, análises feitas pelos PCNs (1998, p. 19) preveem que a “aprendizagem de uma língua estrangeira deve garantir ao aluno seu engajamento discursivo, ou seja, a capacidade de se envolver e envolver outros no discurso”. Logo, no ensino de LI, a grande vantagem que o *Google Drive* possui é a sua capacidade de armazenar arquivos e isto auxilia de forma significativa os professores a guardarem seus materiais sem precisarem criar pastas no computador ou de maneira física. Muito além, a possibilidade de criar ambientes interativos no app é evidente e rápida, uma vez que abarca um número potencial de usuários, nos quais conseguem se relacionar de forma colaborativa, situação bastante importante para Moran (2000, p. 24), quando assegura que:

Temos muitas chances de interagir, de buscar novas informações. Somos solicitados continuamente a ver novas coisas, a encontrar novas pessoas, a ler novos textos. A sociedade - principalmente pelos meios de comunicação - puxa-nos em direção ao externo e não há a mesma preocupação em equilibrar a saída para o mundo com a interiorização e o ambiente de calma, meditação e paz, necessários para nos reencontrarmos, para nos aceitarmos, para elaborarmos novas sínteses.

Assim sendo, não é mais necessário, como antes, estarmos próximos todos os dias, fisicamente, para aprendermos. Dessa forma, a escola precisa ser repensada como uma extensão de espaços e tempos significativos de aprendizagem. A tecnologia, posto isso, nada mais é que uma grande facilitadora de processos de interconexão com realidades que são importantes para aprender, como explicita Moran (2000, p. 25) “o conhecimento se dá no processo rico de interação externo e interno. Pela comunicação aberta e confiante desenvolvemos contínuos e inesgotáveis processos de aprofundamento dos níveis de conhecimento pessoal, comunitário e social”. Logo, com a enorme demanda no ensino, professores e gestores escolares não precisam ser mestres em mídias digitais, mas elas são essenciais como mediação do conhecimento, assim como possibilitam trabalhar com linguagens antes desconhecidas, como estabelecem os PCNs (1998, p. 40):

[...] É fundamental que desde o início da aprendizagem de Língua Estrangeira o professor desenvolva, com os alunos, um trabalho que lhes possibilite confiar na própria capacidade de aprender, em torno de temas de interesse e interagir de forma cooperativa com os colegas. As atividades em grupo podem contribuir significativamente no desenvolvimento desse trabalho, à medida que, com a mediação do professor, os alunos aprenderão a compreender e respeitar atitudes, opiniões, conhecimentos e ritmos diferenciados de aprendizagem.

Não obstante, outro ponto que merece ser discutido, também, é em relação aos investimentos e infraestrutura nas escolas públicas do País, bem como as formações docentes, com lacunas muitas vezes irreparáveis, como fundamentam os PCNs (1998, p. 109) ao relatarem que “[...] é preciso que se invista na formação continuada de professores que já estão na prática da sala de aula, como também daqueles que estão em formação [...]”. Sobretudo, por meio de atitudes muitas vezes rígidas, o professor fica à margem do uso das tecnologias, porque tem medo, ou, simplesmente, que metodologias inovadoras não tragam substância ao ensino, mas não percebe que a aplicação da tecnologia em sala precisa, no entanto, que o próprio docente avalie suas metodologias e se flexibilize quanto às mídias digitais, como Moran (2000, p. 71) defende:

O acesso ao conhecimento e, em especial, à rede informatizada desafia o docente a buscar nova metodologia para atender às exigências da sociedade. Em face da nova realidade, o professor deverá ultrapassar seu papel autoritário, de dono da verdade, para se tornar um investigador, um pesquisador do conhecimento crítico e reflexivo. O docente inovador precisa ser criativo, articulador e, principalmente, parceiro de seus alunos no processo de aprendizagem. Nesta nova visão, o professor deve mudar o foco do ensinar para reproduzir conhecimento e passar a preocupar-se com o aprender e, em especial, o "aprender a aprender", abrindo caminhos coletivos de busca e investigação para a produção do seu conhecimento e do seu aluno.

Nas relações que envolvem a aplicabilidade do *Google Drive* às práticas de LI, portanto, é fundamental que o professor saiba que com ou sem ferramentas avançadas podemos sim vivenciar e contribuir no compartilhamento dos saberes, já que essa plataforma servirá como um auxílio, não a completude da prática educativa em sala de aula, mas ela torna-se essencial porque é inovadora e ativa, como explicita Moran (2000, p. 36) quando argumenta que “a educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações.”

## 5. Metodologia

Em sua estrutura geral, essa pesquisa apresenta característica qualitativa, na qual, de acordo com Silva e Menezes (2005, p. 20), a pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Além disso, apresentando em sua estrutura a pesquisa bibliográfica, na qual tem bastante importância como fundamenta Gil (2010, p. 20) “a principal vantagem de pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao

investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”

Nessa perspectiva, é assegurado o caráter da pesquisa em fundamentar suas informações, assim como afirmações que, ainda de acordo com Gil (2010, p. 29-31), “a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos”. Sendo assim, para um significativo aproveitamento do embasamento teórico, o presente estudo estabelece as ideias centrais da temática abordada.

## 6. Resultados e Discussão

Interligando a pesquisa ao contexto atual, é bastante visível o interesse dos jovens no que diz respeito às tecnologias, algo que torna-se tão natural que para alguns autores é dito como “nativos digitais”, já que se referem ao público nascido entre as conexões na Era Digital pertencente ao século XXI.

Assim sendo, os diálogos são estabelecidos entre os estudiosos que investigam as relações desses indivíduos, quando falamos em aplicar métodos ativos ao ato de ensinar, como fundamenta Moran (2000, p. 20) ao mencionar que “quanto mais mergulhamos na sociedade da informação, mais rápidas são as demandas por respostas instantâneas. As pessoas, principalmente as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados instantâneos”.

Existe, também, a preocupação acerca de tornar os artefatos digitais em ferramentas significativas no ensino, nos quais integre às qualidades do aluno, contribua para uma aprendizagem humanizada e que seja elencada num pódio horizontal de relações entre professor e aluno, algo que para a BNCC (2017, p. 240) é de extrema importância ao relatar que:

A vivência em leitura a partir de práticas situadas, envolvendo o contato com gêneros escritos e multimodais variados, de importância para a vida escolar, social e cultural dos estudantes, bem como as perspectivas de análise e problematização a partir dessas leituras, corroboram para o desenvolvimento da leitura crítica e para a construção de percurso criativo e autônomo de aprendizagem da língua”.

Vale salientar, no entanto, que ainda existem as dificuldades para facilitar as atividades e práticas do professor em sala de aula, porque é necessário que se tenha acesso à internet e nem sempre temos uma conexão de qualidade para propor atividades diferenciadas. Mediante



essa informação, a internet, como uma das maiores inovações já criadas, é de suma importância, já que ela nos possibilita termos mais abrangência entre comunicabilidade e interação, conforme estabelece Moran (2000, p. 53) ao dizer que:

A Internet é uma mídia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Essa motivação aumenta se o professor cria um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor de estabelecer relações de confiança com os seus alunos, pelo equilíbrio, pela competência e pela simpatia com que atua.

É preciso notar que, por serem situações pedagógicas auxiliadas pela plataforma digital, as possibilidades de trabalhar em diversos locais é vasta, principalmente porque a maioria dos estudantes se situam dentre as conexões e são oriundos da cultura digital. No entanto, se faz pertinente afirmar de acordo com Moran (2000, p. 29) que “com a flexibilidade procuramos adaptar-nos às diferenças individuais, respeitar os diversos ritmos de aprendizagem, integrar as diferenças locais e os contextos culturais”.

Nesse sentido, percebemos os impactos significativos que a ferramenta digital *Google Drive* aplicada à prática educativa em LI pode proporcionar aos estudantes, com toda a sua interatividade e busca pela colaboração elencada entre os sujeitos que a utilizam. Sobretudo, quando falamos do professor, é preciso, conseqüentemente, que esse se muna de conhecimentos para aplicar na prática o que é vivenciado na teoria, conforme menciona Moran (2000, p. 32) ao assegurar que “[...] é importante que amplie, que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática.”

Com base no que foi dito antes, uma das possibilidades de fazer com a tecnologia fosse melhor integrada ao ensino, seria promover discussões com os pais dos estudantes sobre a importância que ela pode dar aos processos de ensino-aprendizagem, até porque métodos tradicionais não conseguem mais atrair e tornar o ato de aprender dinâmico, atrativo, e, além disso, fazer com que o público jovem interaja e criem oportunidades de aprendizagem colaborativa, como explica Moran (2000, p. 25) ao defender que:

Conseguimos compreender melhor o mundo e os outros, equilibrando os processos de interação e de interiorização. Pela interação entramos em contato com tudo o que nos rodeia; captamos as mensagens, revelamo-nos e ampliamos a percepção externa. Mas a compreensão só se completa com a interiorização, com o processo de síntese pessoal, de reelaboração de tudo o que captamos por meio da interação.

Assim sendo, existe uma transição no que diz respeito aos novos modelos de ensino, e, principalmente, quando falamos no uso das tecnologias em sala de aula. Elas são pertinentes ao falarmos em atualidade, além do mais nos envolvem com dinamismo, como Moran (2000, p. 32) demonstra ao discutir que “o professor tem um grande leque de opções metodológicas, de possibilidades de organizar sua comunicação com os alunos, de introduzir um tema, de trabalhar com os alunos presencial e virtualmente, de avaliá-los”, isto é, antes preso aos métodos antigos agora já é possível abrangermos nossas concepções de pensamento, bem como as práticas em sala de aula.

## 7. Considerações Finais

Ao discorrer sobre a contribuição do *Google Drive* enquanto ferramenta didático-pedagógica para o ensino de Língua Inglesa, é possível assegurar que a escola tem um papel fundamental na aplicabilidade de ferramentas digitais na educação, com o propósito de criar ambientes interativos e com metodologias inovadoras, uma vez que fazem parte da realidade de uma geração marcada pela conectividade.

De acordo com essa perspectiva, as abordagens propostas por Moran (2000) contribuem para um olhar diferenciado das tecnologias em sala de aula, e, principalmente, a mediação pedagógica que é necessária para que se obtenha êxito nas aplicações. Junto a isso, no que tange à BNCC (2017), ela estabelece relações de contextualização e reconhecimento de cada estudante, como indivíduos construtores de conhecimentos.

Entretanto, os professores precisam conhecer às novas tecnologias, pois acredita-se, a partir da pesquisa aqui realizada, que a tecnologia, quando atrelada ao ensino de línguas estrangeiras, no presente estudo, o Inglês, faz com que os estudantes se interessem pelos conteúdos e percebam que aprender um outro idioma pode ser dinâmico e não trata-se apenas de traduções – de acordo com metodologias antigas –, mas sim um conteúdo contextual e perpassado por análises, como propõe Moran (2000, p. 29) quando diz que é primordial “respeitar as diferenças que contribuam para o mesmo objetivo, personalizar os processos de ensino-aprendizagem, sem descuidar do coletivo, encontrar o estilo pessoal de dar aula, por meio do qual nos sintamos confortáveis e consigamos realizar melhor os objetivos.”

Por fim, podemos concluir que em meio aos diversos avanços que a tecnologia tem trazido, ainda em termos de educação estamos passando por uma transição de pensamentos, nos quais tem-se flexibilizado pela comunidade educativa em inserir as TDIC's, a exemplo do

*Google Drive* nas aulas de LI, que abarcam grande número de jovens interessados em terem uma aprendizagem atual e em consonância com o próprio mundo em que vivem.

## 8. Referências

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de SILVA, Maria da Graça Moreira da; **CURRÍCULO, Tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo**. Revista e curriculum, São Paulo n. 7 v. 21, Abril 2011, disponível em: [http://: revistaspuccsp.br/index php/curriculum](http://revistaspuccsp.br/index.php/curriculum). Acesso: 12/08/2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_20dez\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf) > Acesso 10/08/2019.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 120 p

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

MORAN, José Manuel, MASSETO, Marcos e BEHRENS, Marilda. **Novas tecnologias e Mediação Pedagógica**. São Paulo, Papirus Editora, 2000.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.